

# Salvador

**Adriano Lima Drummond**

Abre-se a porta e pode ver o par de coturnos entrando no quarto. O pavor aumenta como se a sufocasse um travesseiro de tragédia. De repente, dá-se conta de que lá estão três homens, falando em língua que não entende, rindo não sabe de quê, começando a revirar tudo, e tudo caindo no chão. Mais cedo ou mais tarde olharão debaixo da cama – está absolutamente convicta disso. As mãos trêmulas mal contêm um grito despedaçado em soluços a cada instante. A cama fica encostada a duas paredes. Instintivamente, espremeu-se naquele canto. Aperta-se mais e mais contra o que não arreda. Existência embolada, e vai ficar assim por um bom tempo. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama; mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama, é o bordão de seu pavor. Tem a ideia de arrastar-se para adiante, levantar-se e sair correndo. Pular pela janela, quebrando o vidro, cortando-se. Não daria tempo. Implora que seja possível enterrar-se ali mesmo, encerrada que seja num caixão, desde que não a encontrem. Olharão debaixo da cama. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. Por que tinha de acontecer isto? A pergunta não sai da boca, tapada pelas próprias mãos, lambrecadas de suor, baba e lágrimas. Os pares de coturnos vem e vão, vem e vão, vem e vão, vem e vão, vem e vão, vem e vão, vem e vão, em dissonância que a desespera. Implora que seja possível enterrar-se ali mesmo, encerrada que seja num caixão de corpo invisível, inexistível. Um dos pares de coturnos mostra que um soldado se sentou na cadeira. Cairá. A cadeira tem um dos pés bambos. Cairá e poderá encontrá-la ali. O soldado se balança na cadeira, como se brincasse, cadeira que range, que geme. Ela fecha os olhos. Apertados, esmigalha-se. Medo de abri-los. Passados alguns instantes, entreabre-os e certifica-se: não caiu da cadeira. Levantou-se. Alívio? Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama.

Três homens sentados no sofá masturbam-se. Todos quase completamente nus, não fosse o fato de cada um deles usar uma máscara. O da esquerda, corpulento, a de Beethoven. O do meio, magricela, quê de tímido, a de Shakespeare. O da direita, síntese indefinida de ambos os anteriores, a de Delacroix. Querem intelectualizar as ereções? (Glandes com cérebro, ora). Dois deles dizem, em unísono, pode entrar, quando ouvem batidas na porta. Ela entra. Não completamente nua: os seios firmes, médios, nada os cobre; calcinha, espartilho, meia-calça, bota, tudo isso na cor preta, vestem o que, no intermédio entre o ser e o nada, despem. Os passos levam-na, resoluto, altiva, para perto dos homens, que a cumprimentam com um hy, Lídia Salvador! Ela

nem responde. Ajoelha-se perante o mascarado de Beethoven, e começa a lhe chupar o pênis endurecido. Grande e grosso. Precisa abrir bem a boca. Está acostumada. Conta mais de 200 filmes, em quatro anos. Alguns prêmios nacionais e internacionais na categoria. Em destaque, o da melhor cena de sexo anal de 2004. Passa para o segundo, sentado entre os outros dois, com a máscara de Shakespeare. Seu pênis é maior, mas não tão grosso. Geme, expressa no rosto contorcido de prazer incomensurável (ator?) e a chama de whore, my slut little girl, you dirt bitch e empurra a cabeça dela, em vaivéns frenéticos, para que a glândula toque-lhe a garganta. Glote, glote, glote: Lídia Salvador engasga. Por pouco não vomita. Os três riem. Ela acaba rindo depois. Não é com sofreguidão, mas com deleite que se prolonga, como se quisesse membro interminável. Parece-lhes chupar a alma pelo pênis. O com a máscara de Delacroix a acaricia no rosto, na orelha, desenha sobre os contornos da pele a própria excitação mais tímida. Lídia Salvador pensa: prefere um que a obrigou, certa vez, a sufocar-se, tapando-lhe o nariz brutalmente, por onde aproveitava para puxar sua cabeça rumo ao engulho.

Naquele instante, pensa na mãe? no pai? no irmão? Foram mortos. Ouvia os tiros, vários tiros. Os soldados chegaram de surpresa, disfarçados sob o luar amarelado. Esqueceu-se enterrada sem saída. E não quer sair de lá. Pensa em tudo num átimo, em forma de borrão abstracionista. O quadro está torto. A música não é silêncio. As palavras acumulam-se no estômago. Jantavam àquela hora. O pai e o irmão estavam à mesa. Trocavam uma e outra palavra sobre uma batalha travada no norte. Nosso batalhão venceu. A mãe, de frente ao forno, mexia na panela com sopa e reclamava da pouca comida disponível naquela semana. E ela, no banheiro, defecava. Já vou! Essa menina tem essa mania de cagar sempre, antes de comer. Tinha que ser depois, não é? Credo. O irmão não fazia isso. Ninguém fazia isso. Ela apenas. Por quê? Mas que poderia fazer, se lhe dava vontade naquele exato momento e apenas a ela? Jantassem mais cedo. Certa vez, jantaram mais cedo (mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. Olharão debaixo da cama). Não adiantou: lá foi ela, ao saber do jantar, para o banheiro, como todos os dias, antes do jantar. Não se trata de mania velha. Coincide com o ano do início da guerra. Expelia, expelia e ia comer. Mal abriu a porta do banheiro, ouviu os tiros, vários tiros. Correu para o quarto, fechando a porta apressadamente devagar, e escondeu-se debaixo da cama. Estava chorando e esperava. Sabia que era ela e os soldados. Mas quantos? Queria saber? Lá vinham eles, os passos, um dois três, um dois três, um dois três. Saberá.

Dois se levantam e dispõem Lídia Salvador, de modo a poderem observar, apertar, beijar, morder, lambe, espancar-lhe as nádegas, enquanto ela ainda chupa o pênis do que permanece sentado no sofá. Máscara de Delacroix. Sente os dedos, as mãos, os olhos, as línguas, os dentes, o prazer, o dinheiro, a guerra na pele delicada e quente dos glúteos volumosos. Dionisíaca Vênus calipígia. A calcinha fica enfiada mais ainda para dentro. Salientam-se os contornos da vagina. Let's take off that pantie, I wanna see her pussy... o my god! Uma língua ofegante não tarda a agir. No ânus, um dedo adentra em vaivéns. Lídia Salvador empina as nádegas, escancarando o que é. Eu sou a liberdade guiando o povo. Corro e os homens vem atrás de mim. Your

ass size is perfect. Let me spread it... and smell it... and suck it... and a day. Saliva mista à volúpia em toda a extensão da área pélvica. Daquele lodo se fazia deusa em meio ao mar de corpos. Deitada no sofá, suas pernas abertas sujeitam-na à primeira penetração vaginal. É o mais grosso dos três pênis. Beethoveniano. Não há mistério. E por que haveria revelação? Lídia Salvador respondeu, em entrevista a uma TV francesa: Je suis née à la capitale de la Bahia. Mon nom rend d'hommage à ma cité natale. Et pourquoi Lídia? Chega o segundo, mascarado de Shakespeare. Penetra-a no mesmo canal, mas com suavidade. Esse rapaz parece um príncipe, pensa em silêncio subjugado pelos gemidos de prazer castiço. Não gosta assim. Pede-lhe fuck me harder, my sweet prince. Fuck me harder, please. Yeah, Just like this. A vez do terceiro, que prefere outra posição. Máscara de Beethoven. Tira-a do sofá e no chão põe-na de quatro. O, I love doggystyle. A cópula alcança o estágio do ímpeto e da tempestade. O pênis vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem, vai e vem – minueto alçado à condição de primeiro movimento em vivace de uma enorme sinfonia. Os seios acompanham na surdina. Foram apalpados, apertados, mas nenhum deles até agora os quis chupar. Taste your own pussy on my cock, you little whore, diz a Lídia Salvador quem há pouco a submetia à voraz penetração. Ela chupa, lambe aquele órgão umedecido de si mesma. Sente o gosto amargo. Sente penetrá-la outro homem na mesma posição. My dick wanna make that Brazilian pussy hurt. O mais grosso dos três pênis não realiza, porém, a vontade. Está acostumada. To be, or not to be: that is the fashion. Coisas muito piores já lhe aconteceram.

Um dos pares de coturnos vem se aproximando. Depois de pausa de ruídos de coisas reviradas e caídas, conversam. O soldado tão perto fala e ela ouve o barulho de líquido despejado em grosso filete sobre o colchão, e risadas. Gotas esquentam regiões de seu corpo, sobretudo as costas e a cabeça. O cheiro é de urina. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. Sabem que ela está lá. Divertem-se às custas de seu pavor, de sua expectativa da iminência catastrófica. Não pensa na mãe, nem no pai, tampouco no irmão. Não pensa em si mesma. Pensa-se outra, longe dali, enevoadamente longe, inacessível, encoberta numa ilha de jamais existe, e não existindo a ilha, tanto mais oculta ela, indisfarçável ausência debaixo da cama. Olharão. Mais cedo ou mais tarde, olharão debaixo da cama. O par de coturnos cede a vez a outro. De novo o barulho do grosso filete despejado sobre o colchão e mais gotas a caírem sobre suas costas, nos seus cabelos. Já sabem que ela está lá. Fazem isso porque sabem que ela está lá. Talvez seja melhor acontecer logo. Retorna a ideia de rastejar-se, levantar-se, correr, saltar pela janela e, antes disso, pegarem-na inevitavelmente. Olharão debaixo da cama. Olharão debaixo da cama. Olharão. As costas ardem úmidas, os cabelos fedem. Não sei se é vida mais o que não vivo, não sei se é morte mais o que não temo. O que teme, então? Não percebeu ainda, mas a ponta de alguns dedos da mão sangram. Nem a urina em poça os faz arder. Agora percebe? Ainda não. Está longe. Com a mão tentava cavar um buraco no chão duro e o conseguiu cavar dentro de si. Foi aí por onde foi-se. Névoas obnubilaram suas vistas. Em breve cairá de si em si.

Está encima de um deles, máscara de Delacroix, gemendo e gritando, quando um outro, máscara de Shakespeare, tenta penetrá-la no ânus. Seria o momento apoteótico. Não deu conta: o pênis não se excita o bastante, e logo o mascarado de Beethoven aproxima-se e consegue, com facilidade. Sem demonstrar abatimento, o estreante enfia o pênis na boca de Lídia Salvador. Agora, que complete. Vacâncias locupletadas e dentro a alma sem vazão. Na entrevista à TV francesa, respondeu: Oui, j'adore lire. Mon livre préféré c'est *Les fleurs du mal* de Charles Baudelaire, c'est à dire *Le petit prince* des actrices de films pornographiques. Gemendo e gritando, e gritando e gritando. Eles riem. O mais extrovertido, muito falante, máscara de Beethoven, repete incessantemente, ao ritmo dos movimentos extáticos: o guys, I love that Brazilian ass, love that Brazilian ass, Brazilian... Brazilian ass.

Contém-se com muito, muito esforço. Mais cedo ou mais tarde, vai expelir, expelir. Ainda é antes do jantar. Essa menina tem essa mania horrorosa. Não jantaram ainda. Sente-se mais profundamente enterrada dentro de si. Tão distante da epiderme. Olharão debaixo da cama. Olharão debaixo da cama. (talvez nem olhem?) Agora não, clama, por favor. Já não distingue o que lá fora de si mesma ouve, vê, reza, chora, morre, desespera. Está apenas adiando. Que dor insuportável. Sua existência embolou-se como uma folha de papel, escrita, rabiscada, desenhada, regiões em branco, mesmo desamassada um dia... Correm-lhe pelo esôfago miados, unhas que lhe arranham as entranhas. Aguenta, aguenta, aguenta pelo amor de deus. Porque vai acontecer agora, que está acontecendo, quando acontecer. O estômago parece um gato preto. Vomitou. Vomitou o que não jantaram. Olharão debaixo da cama. Olharão debaixo da cama.

Lídia Salvador e três homens mascarados, um de Beethoven, outro de Shakespeare, o terceiro de Delacroix. Quem os identificará, ao assistir ao filme? Ideias em vão. Para que isso? Está de pé agora, inclinada para que o pênis do homem com a máscara de Shakespeare a penetre por trás, comportadamente, na vagina, e ela chupe o pênis do mascarado de Delacroix à sua frente, e a boca do que falta pareça mamar em seus seios. Tem a tranquilidade para imaginar coisas mais brutais do que isso. Isso não é nada. Não a intimida mais, como no início, quando demorou a se sentir à vontade. O repórter francês perguntou-lhe: Qu'est-ce que vos pères pensent de ça, leur fille joue dans des films X? Silenciou-se, cabisbaixando-se. Cabisbaixa-se para chupar os pênis de dois, ao mesmo tempo. Gosta bastante da tela *A morte de Sardanapalo*. Pediu que uma reprodução ornamentasse o quarto onde estão. Vinha a calhar: o pintor está aqui presente, embora alheio à obra, apenas máscara de borracha barata, um corte feito na boca, por onde consegue passar a língua nos mamilos, no clitóris, morder alvuras, lactessências, intumescências. Nota que os três rapazes se incomodam com as máscaras, desde o início. Querem tirá-las. Não pode. Vão assim até o fim. Por um bom tempo. Até em filmes pornô, o cânone? Determinações. Glandes com cérebro, ora. A verdade é que se envergonha de ser filha de um caminhoneiro e uma dona-de-casa. Nunca fala deles, na pele de Lídia Salvador. Mulher desta casa não trabalha. De jeito nenhum. Nem esposa, nem filha. Mulher tem que tomar conta da casa e dos filhos ou do irmão, dizia o pai, já falecido. A mãe podia dar

um jeito, durante as ausências demoradas do marido, que trabalhava a viajar. Tinha medo. Retrucava: a mulher deve obediência ao homem, seja pai, seja marido. Estavam quase no século XXI e pensavam dessa maneira, indignava-se, envergonhava-se. Roupa de marca? Essa mochila custa quanto? Não vai sair, não tenho dinheiro hoje. Hoje pode, mas seu irmão tem que ir junto. Detestava que o pai estivesse em casa. Tantas vezes presenciou ele chegando do boteco, cantando sempre “Detalhes”, adorava Roberto Carlos, era o romantismo dele, discutia com a esposa porque o luar estava amarelado, e a espancava, se aquietava e ia dormir. Um dia achou no quarto dos pais, escondido debaixo da cama, um DVD pornográfico. *Espanholas em busca de prazer*, com Rebeca Linares. Jamais havia visto algo daquela espécie. As mãos tremiam ao segurar o objeto. Estava fascinada pelas imagens da capa. Dentre outros detalhes, a flor carmesim posta em meio aos cabelos longos e negros e à pele alva, muito alva, da orelha da atriz, tão com ela parecida. Tinha que assistir ao DVD. Tinha que assistir ao DVD. Aguardou ansiosamente a novela das nove terminar, quando a mãe ia dormir, e o irmão costumava ainda não estar em casa. Tinha que assistir ao DVD. Tinha. Era o momento. Pôde ver toda a cena com Rebeca Linares. Ao fim, um turbilhão de imagens, sensações, sentimentos passava pela sua cabeça.

Um vômito esbranquiçado. Por assim dizer, ebúrneo. Tem a viscosidade de seu desespero e pavor. Olha para aquilo enquanto não vem eles olhar debaixo da cama. Olharão. Olharão. Um par de coturnos, ou dois, ou três, ou chegam e eles falam. Ouviram-na e falaram, após a suspensão do susto. Falaram com rispidez. Parece que ordenando. Repetiram. Ela não entende. Fica debaixo da cama, embalada pela maré das substâncias e do mau-cheiro. Joelhos firmam-se no chão, aos quais se segue uma das mãos. A evidência do vômito ebúrneo. Estava afixada no canto como um quadro torto na parede. *A morte de Sardanapalo*: já que é para morrer, que todos e tudo morra antes de mim. Elefantes que não saltam à beira da cama, ao ritmo da *Sinfonia do destino*. De como fazer de uma chacina uma orgia. Ao fim e ao cabo, não é que ela morreu antes dela mesma?

Senta-se no colo de um. Shakespeare: Vagina. Chega outro. Beethoven: ânus. O terceiro vem. Delacroix: boca. O quarto. Pensamentos. Em meio àquilo, repara finalmente que o quadro na parede está torto. Passa a fazer um meia-nove. Primeiro, o número deitado. Depois, o número em pé. O homem com a máscara de Beethoven parece chafurdar na vagina de Lídia Salvador, que lhe chupa o pênis de ponta-cabeça que entontece, também com sofreguidão. Coisas ao contrário, a elas fecha os olhos. Recebe sucessivos tapas nas nádegas já vermelhas. Ouve: *That white butt will become a rosebud*. Batusques ao ritmo involuntário da *Sinfonia do destino*: tchan-tchan-tchan-tchaaaaannnnn. Variações sobre esse tema, variações sobre essa posição, variações sobre esse movimento. Parece um circo sem saltos de elefantes. Colocam-na no chão. Querem mais malabares. Sobe e segura-se ao corpo de um, máscara de Delacroix, que a penetra na vagina. Outro, máscara de Shakespeare, chega por trás e o ânus abre-se em botão. O terceiro, mascarado de Beethoven, aguarda a sua vez de compor o tema do sanduíche,

em movimentos de playground. Que sonhava ser, quando criança?, perguntou-lhe o entrevistador da TV francesa. Je voulais être riche.

O rosto sujo aparece sorridente debaixo da cama. Olharam. Olharam. Olharam. Olharam debaixo da cama. Olharam. Ele diz alguma coisa, não, não o entende, enquanto ela grita em desespero intraduzível. É música? Tchan-tchan-tchan-tchaaaaannnn. O quadro na parede está torto. É puxada pelos cabelos violentamente, como se a desenterrassem das profundezas escuras do pavor. Eles riem. Conversam. O soldado que a acaricia fala. Ela não o entende. E eles riem. Ela suplica. Por favor. Por favor. Por favor. Leva um tapa no rosto. Riem. Dizem com veemência, em tom de pergunta. Ela chora, sem palavras, entrecortadas de não. Toma um soco na barriga. Não. Cai, quase desmaia, mas não. Por que não? Atinge-a no braço um chute. Outro chute, mais outro chute, mais outro chute. Não. Um chute nas costas. Não. Levantam-na. Debaixo da cama. Por favor, debaixo da cama. Me deixem ficar lá. Não. Começam a rasgar-lhe as roupas. Não.

Lídia Salvador ajoelha-se. Chupa um pênis (pena, pincel, batuta), enquanto masturba os outros dois. Está acabando. Está acostumada. Nunca atuou em cena de bukkake propriamente dito. Questão de tempo. Reserva surpresas para o futuro. Acredita planejar bem a carreira de atriz pornô. O que é o bukkake? Pensa. É a rasura na beleza pronta: o cigarro apagado numa tela, a passagem repetida *ad infinitum* de uma música porque o disco está arranhado, a palavra incômoda em meio ao soneto: Pálida, à luz da lâmpada sombria, sobre o leito de porra reclinada, como a lua por noite embalsamada, entre as nuvens do amor ela dormia. Era a virgem do mar na espuma fria, pela maré das águas embalada, era um anjo entre nuvens d'alvorada, que em porra se banhava e se esquecia. Era mais bela o seio palpitando, negros olhos as pálpebras abrindo, formas nuas no leito ejaculando. Não te rias de mim, meu anjo lindo: por ti as noites eu velei chorando, por ti nos sonhos morrerei sorrindo. O que é o bukkake? Pensa. É a obra-de-arte a quatro, a seis, a oito, a tantas mãos. É a volúpia e o nojo na mesma face, verdadeira face de duas medalhas. Um dia beberá todo o esperma de vários e vários homens depositado numa taça, com morangos. Eis a Ideia. É evidente para ela quem será o primeiro. Ele estremece, olha para cima, masturbando-se, e ejacula no seu rosto. Pouco esperma. Foi parar na bochecha esquerda. O segundo já estava a postos, contendo-se para jorrar na hora certa. É hora? Agora vai: projeta-se o caldo, desse bem mais abundante, e escorre pela testa, lambreca o nariz e a boca. O olho direito não pode abrir. Lídia Salvador pede ao terceiro, cum on my face, I want more cum. Um véu ebúrneo cobre-lhe todo o rosto. Sorri. Não consegue ver nada. Alguém diz: good job guys! Thanks. You can leave us alone. Os três homens vão-se, arrastando no ar os órgãos desfalecidos. Quem os dispensou entrega um lenço a Lídia Salvador para enxugar-se. Ainda está de joelhos e, nessa posição, agradece, manda beijos e dá um adeusinho.

Nua, eles a jogam na cama. Embolada em si mesma, tenta correr, tenta espernear, tenta voar. Nenhum dos três. Um soldado aproxima-se, desabotoando e abaixando as calças, e cai sobre ela, como um peso de alívio

com efeito demorado. Ela fica gritando. Ainda acha que vai acontecer. Fica gritando. Fica gritando. Quando outro soldado aponta a arma, nem tem tempo de atirar. O terceiro, tendo largado o fuzil, ergue as mãos ao alto, chorando palavras, dizendo desesperos, e cala-se, e apazigua-se no chão, ao lado do outro. Ela, a pouco e pouco surgindo por entre as névoas do pavor e da pólvora, compreende o que se passou. Sim, compreende bem. A pele branca está imunda. Os cabelos louros, derramados em cachos empastados da história. Os olhos, seus olhos não são azuis, deviam ser azuis, o observam avermelhados no vão da porta, aproximando-se. Ela empurra, tira o corpo sobre si, embrulha-se no lençol manchado de sangue e continua a chorar. O quarto soldado diz que já pode tranquilizar-se. Esses franceses, esses ingleses... menos três no mundo. Ele a protegeria. Não precisa chorar mais. Embrulhada no lençol, levanta-se da cama e ajoelha-se, abraçando-lhe as pernas, frente àquele como se estivesse perante o próprio deus, graças ao qual vinha a ressuscitar. E não ressuscitou? Pergunta seu nome.

Chamava-se Adolf Hitler.

---

**Adriano Lima Drummond** é mestre em Teoria da Literatura pela UFMG e doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP. É também professor efetivo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).